

PROJETO  ESPERANÇA 2014
-PARA ALÉM DA IMAGINAÇÃO-

A ESPERANÇA CRISTÃ PERANTE A MORTE

PALESTRA 6



ÁREA DEPARTAMENTAL DE EVANGELISMO
DEPARTAMENTO DOS MINISTÉRIOS DAS PUBLICAÇÕES
PUBLICADORA SERVIR

A ESPERANÇA CRISTÃ PERANTE A MORTE

INTRODUÇÃO

Philip tinha nascido com Síndrome de Down, a doença genética vulgarmente conhecida como mongolismo. Ele era uma criança feliz, mas com uma crescente compreensão da diferença que havia entre ele e as outras crianças. Philip frequentava assiduamente a Escola Dominical, onde aprendia as histórias da Bíblia. Ele estava na turma da terceira classe, juntamente com nove outras crianças de oito anos. Devido à sua diferença, Philip era tolerado, mas não era realmente aceite pelos seus colegas. No entanto, o professor estava consciente da diferença de Philip e procurava ajudar as crianças da sua turma a amarem-se umas às outras, tendo em conta as circunstâncias. Elas aprendiam, riam e brincavam juntas. Elas preocupavam-se umas com as outras. Mas havia uma exceção. Philip não fazia realmente parte do grupo. Ele não tinha escolhido, nem queria, ser diferente. Ele simplesmente era diferente. No domingo após a Páscoa, o professor da Escola Dominical teve uma ideia maravilhosa. Ele levou dez caixas vazias com a forma de ovos de Páscoa para a sua classe e deu uma a cada criança da turma. Esse domingo era um belo dia primaveril e o professor propôs uma tarefa relacionada com a Páscoa. As crianças deveriam sair para o jardim da igreja, encontrar um símbolo que expressasse o renovar da vida, colocar esse objeto na caixa em forma de ovo e trazer a caixa para a sala da igreja onde se reuniam. Cada um abriria então a sua caixa e partilharia com a turma o símbolo de uma nova vida que tinha encontrado. Quando o professor acabou de explicar a tarefa, as dez crianças correram para o jardim da igreja e começaram à procura de símbolos de nova vida. Quando todos regressaram à sala da igreja, cada um pôs a sua caixa sobre a mesa do professor e este começou a abri-las, uma a uma. Todas as crianças se tinham reunido à volta da mesa. O professor abriu uma caixa, e encontrou uma flor. Todas as crianças se mostraram impressionadas. “Que flor colorida!”, disseram. O professor abriu outra caixa e encontrou uma borboleta. “É tão bonita!”, disseram as raparigas da classe. O professor abriu uma terceira caixa e encontrou uma pedra. Alguns dos miúdos riram-se e outros disseram: “Que parvoíce! Como pode uma pedra simbolizar uma nova vida?” Mas o rapaz inteligente que tinha escolhido pôr a pedra na caixa disse: “Essa é a minha caixa. Eu sabia que vocês iriam procurar flores e rebentos e borboletas e coisas dessas. Por isso, eu escolhi uma pedra porque quis ser diferente. Para mim, a pedra é o símbolo da nova vida.” Perante esta explicação, todas as crianças riram alegremente. O professor abriu então outra caixa. Mas esta estava vazia. As crianças ficaram desapontadas. “Que estupidez! Ouve alguém que não percebeu o que o professor pediu.” Então o professor sentiu alguém a puxar a manga da sua camisa e olhou para baixo. “Essa caixa é a minha”, disse o Philip, “É a minha caixa!” Ao ouvirem isto todas as crianças disseram: “Tu nunca fazes as coisas como deve ser, Philip! A caixa está vazia!” “Eu fiz como deve ser!” Respondeu o Philip. “Eu fiz como deve ser! O túmulo de Jesus está vazio!” Fez-se silêncio, um silêncio profundo, e um milagre aconteceu. A partir deste dia, Philip tornou-se verdadeiramente parte daquele grupo de crianças de oito anos. Eles finalmente o acolheram como um igual. Philip fora libertado do túmulo da sua diferença. Passado cerca de um ano, Philip morreu. A sua família sabia, desde que ele tinha nascido, que ele não viveria até chegar a ser adulto, pois além do Síndrome de Down, ele tinha outros graves problemas de saúde. Por causa de uma infeção que qualquer criança saudável poderia ultrapassar, Philip morreu. No dia do funeral, nove crianças de nove anos acompanhadas pelo seu professor da Escola Dominical dirigiram-se ao caixão. Não com flores, que pouco serviriam para cobrir a negra realidade da morte. As crianças, juntamente com o seu professor, aproximaram-se do caixão e colocaram sobre ele um símbolo de uma nova vida, um símbolo da ressurreição prometida por Cristo: uma caixa vazia com a forma de um ovo de Páscoa.

Perante a dura realidade da morte, os cristãos têm uma esperança vibrante. De acordo com a Bíblia, a morte não é necessariamente o destino final dos seres humanos. Na verdade, ela é

um inimigo vencido. Cristo venceu a morte ao ressuscitar no domingo de Páscoa e Ele fê-lo para que nós pudéssemos ter esperança. Assim, hoje vamos descobrir o que a Bíblia tem a dizer sobre a morte e sobre a ressurreição. Veremos o que acontece aos seres humanos quando morrem e descobriremos a solução de Deus para a morte. Após terminarmos este breve estudo sobre a morte e a ressurreição, poderemos sair daqui com o coração confortado pela promessa de Deus de que também nós podemos vencer a morte, tal como Cristo venceu. Para iniciarmos o nosso estudo, vamos começar por abordar a natureza mortal do Homem e o estado do Homem na morte.

A NATUREZA MORTAL DO HOMEM E O ESTADO DO HOMEM NA MORTE

Se queremos compreender verdadeiramente a natureza mortal do Homem e o estado do Homem na morte, devemos começar por descobrir o que a Bíblia ensina sobre a natureza do Homem. Para o fazermos, devemos voltar-nos para o relato da criação. Neste relato é-nos dito que Deus começou por criar o Homem a partir do pó da terra, formando o seu corpo com elementos inorgânicos presentes no solo. Depois de ter modelado o corpo, Deus “soprou em seus narizes o fôlego da vida”. Este corpo material animado pelo espírito de Deus tornou-se então uma “alma vivente” (Gênesis 2:7 ARC). Note-se que o ser humano foi feito uma “alma vivente” apenas quando se deu a união do “fôlego da vida” vindo de Deus com o corpo feito a partir do “pó da terra”. Portanto, a Bíblia entende por “alma” (*nephesh*) o ente que resulta da união do corpo material com o espírito, representando este o poder vital vindo de Deus que dá vida. O ser humano é uma alma vivente na medida em que é um corpo animado pelo espírito de Deus dador de vida. A alma não é uma parte etérea do ser humano, distinta do seu corpo, que seria a sede da consciência e participaria da imortalidade. A alma é o próprio ser humano total, enquanto ser vivo corporal. Convém ter presente que a Bíblia fala dos animais como sendo também “almas viventes”, pois são igualmente corpos vivos animados pelo fôlego de Deus (Gênesis 9:10, 12, 15 e 16).

Sendo assim, como descreve a Bíblia o processo da morte? O que acontece quando um homem morre? De acordo com as Escrituras, quando um homem morre o seu corpo, feito do “pó da terra”, volta à terra e o espírito ou fôlego de Deus volta a Deus, que o concedera (Eclesiastes 12:7; Salmos 104:29). É esta realidade que o livro de Job traduz, quando afirma:

“Se [Deus] levasse de novo a si o Seu espírito, se concentrasse em si o Seu sopro, expiraria toda a carne no mesmo instante, e o homem voltaria a ser pó” (Job 34:14 e 15).

Assim, não é de estranhar que a Bíblia ensine que o processo da morte de um homem é semelhante ao processo da morte de um animal. Os homens morrem da mesma forma que morrem os animais. O sábio Salomão ensinou claramente esta verdade, ao escrever o seguinte:

“Quanto aos homens penso assim: Deus os põe à prova para lhes mostrar que são animais. Pois a sorte do homem e a do animal é idêntica: como morre um, assim morre o outro, e ambos têm o mesmo alento; o homem não leva vantagem sobre o animal, porque tudo é vaidade. Tudo caminha para um mesmo lugar: tudo vem do pó e tudo volta ao pó” (Eclesiastes 3:18 e 19).

Portanto, a Bíblia ensina que o homem é um “ser mortal” por natureza (Salmo 8:4; Isaías 51:12). Deus é “o único que possui a imortalidade” (I Timóteo 6:15 e 16). De facto, devido à Queda moral de Adão e Eva, os seres humanos perderam o gozo da vida eterna, tornando-se passíveis de morte. Por isso, Deus disse a Adão, após ele ter caído em pecado: “Tu és pó e ao pó tornarás” (Gênesis 3:19). Assim, o destino do ser humano fica determinado quando morre, pois “até que não haja mais céus, não acordará, nem se erguerá do seu sono” (Job 14:12 ARC). Pois bem, estabelecemos até aqui, biblicamente, a natureza mortal do Homem. Convém, agora, que compreendamos o estado do Homem na morte.

Quando o homem morre, “naquele mesmo dia perecem os seus pensamentos” (Salmo 146:4 ARC). Os seus sentimentos também desaparecem, pois as Sagradas Escrituras dizem-nos, falando dos mortos, que “o seu amor, o seu ódio e a sua inveja já pereceram” (Eclesiastes 9:6 ARC). Os mortos também nada sabem acerca dos seus entes queridos que ainda vivem (Job 14:21). Aliás,

“os mortos não sabem coisa nenhuma” (Eclesiastes 9:5 ARC), nem participam nos assuntos do mundo dos vivos. De facto, o sábio Salomão escreveu que os mortos “já não têm parte em coisa alguma do que se faz debaixo do Sol” (Eclesiastes 9:6 ARC). Esta situação verifica-se porque, quando o homem morre, nada resta do conhecimento humano.

“Tudo o que te vem à mão para fazer, fá-lo conforme à tua capacidade, pois, *no Sheol para onde vais, não existe obra, nem reflexão, nem conhecimento e nem sabedoria*” (Eclesiastes 9:10).

É interessante notar que a Bíblia compara a morte com um profundo sono sem sonhos. De facto, Jesus descreveu a morte do Seu amigo Lázaro como sendo semelhante ao sono (João 11:11-14). O patriarca Job também fala da sua morte futura como sendo um sono tranquilo (Job 3:11, 13) e o rei David descreve igualmente a sua morte como sendo semelhante a um sono (Salmo 13:4). Para a Bíblia, o morto está como que a dormir no pó da terra (Daniel 12:2), e permanecerá aí até ao fim deste mundo, pois “até que não haja mais céus não acordará nem despertará do seu sono” (Job 14:12 ARC).

Sendo este o destino de todos os homens, a pergunta que nos affige a todos deixa-se enunciar de modo bem simples: “Morrendo o homem, porventura tornará a viver?” (Job 14:14 ARC). O mesmo é perguntar: Como pode o homem obter a imortalidade? Paulo dá-nos a resposta. Ele diz-nos que Cristo “não só destruiu a morte, mas também fez brilhar a vida e a imortalidade pelo evangelho” (II Timóteo 1:10). É pela fé em Jesus que podemos ser herdeiros da vida eterna. Como escreveu o apóstolo João:

“E o testemunho é este: *Deus nos deu a vida eterna e esta vida está em Seu Filho. Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho não tem a vida*” (I João 5:11-12).

Portanto, Deus está disposto a dar-nos a imortalidade, se colocarmos a nossa fé no Seu Filho, Jesus Cristo. Apontando para a situação presente da Humanidade, Paulo disse claramente que “o salário do pecado é a morte”. No entanto, ele também fez notar que “a graça de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus” (Romanos 6:23). O próprio Jesus Cristo foi muito claro sobre a oferta de vida eterna que Ele tem para todo aquele que O aceitar pela fé como Salvador.

“Disse-lhe Jesus: *Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em Mim, ainda que morra, viverá*” (João 11:25).

Cristo pôde fazer esta promessa porque será Ele que chamará de novo à vida os mortos justos que dormem no pó da terra. Quando chegar o último dia da história do nosso planeta, “os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que O ouvirem, viverão” (João 5:25). Os mortos justos serão então ressuscitados, voltando à vida. Como o disse o apóstolo Paulo:

“*Quando o Senhor, ao sinal dado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, descer do céu, então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro*” (I Tessalonicenses 4:16).

Será então que receberão o dom da imortalidade os homens e as mulheres que fizeram de Jesus o seu Salvador e Senhor. Esta é a boa nova do evangelho de Cristo. Vejamos mais de perto esta promessa bíblica sobre a ressurreição dos mortos para a vida eterna.

A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS PARA A VIDA ETERNA

De facto, Deus fez, desde a Antiguidade, uma promessa ao seu povo acerca dos que pereceram na morte: “Os teus mortos tornarão a viver, os teus cadáveres ressurgirão” (Isaías 26:19). O profeta Ezequiel expõe claramente esta promessa de Deus.

“Assim diz o Senhor Iahweh: *Eis que vou abrir os vossos túmulos e vos farei subir dos vossos túmulos, ó Meu povo, e vos reconduzirei para a terra de Israel. Então sabereis que Eu sou Iahweh, quando abrir os vossos túmulos e vos fizer subir de dentro deles, ó Meu povo*” (Ezequiel 37:12 e 13).

Diante destas promessas de Deus, torna-se claro que “o justo até na sua morte tem esperança” (Provérbios 14:32 ARC). De facto, a ressurreição era a esperança do justo e sofredor Job. Perante a catástrofe em que se tinha transformado a sua vida, ele exclamou:

“Porque eu sei que o meu Redentor vive e que, por fim, se levantará sobre a terra. *E, depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne verei a Deus*” (Job 19:25 e 26).

Esta esperança na ressurreição geral dos mortos justos, a ocorrer no último dia, era também a esperança dos crentes judeus do tempo de Cristo. Por exemplo, Marta, a irmã de Lázaro, cria que o seu falecido irmão ressuscitaria “na ressurreição, no último dia” (João 11:24). A mesma esperança tinha o apóstolo Paulo. O objetivo que ele tinha na vida era alcançar “a ressurreição de entre os mortos” (Filipenses 3:11). Paulo acreditava que Deus iria ressuscitar todos os que tivessem crido em Jesus, da mesma forma que Ele tinha ressuscitado o próprio Cristo (I Coríntios 6:14; II Coríntios 4:14). Esta esperança de Paulo na futura ressurreição dos mortos justos estava alicerçada na promessa que Jesus tinha feito aos seus discípulos.

“Disse-lhe Jesus: *Eu Sou a ressurreição e a vida. Quem crê em Mim, ainda que morra, viverá*” (João 11:25).

“Sim, esta é a vontade de Meu Pai: quem vê o Filho e n’Ele crê tem a vida eterna, e *Eu o ressuscitarei no último dia*” (João 6:40).

Jesus pôde fazer esta promessa porque, graças à Sua morte e à Sua ressurreição gloriosa, Ele tinha conquistado o poder sobre a morte, adquirindo simbolicamente as chaves da morte e da sepultura (Apocalipse 1:17 e 18). Portanto, por Cristo é possível a ressurreição dos mortos. Como escreveu Paulo:

“Com efeito, *visto que a morte veio por um homem, também por um homem vem a ressurreição dos mortos. Pois, assim como todos morrem em Adão, em Cristo todos receberão a vida*” (I Coríntios 15:20-22).

Esta promessa de ressurreição para os justos é crucial, porque, se não houvesse ressurreição dos mortos, não haveria qualquer esperança para a Humanidade. Como fez notar Paulo:

“*Pois se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, ilusória é a vossa fé; ainda estais nos vossos pecados. Por conseguinte, aqueles que adormeceram em Cristo estão perdidos*” (I Coríntios 15:16-18).

Vamos agora estudar mais de perto o fenómeno da futura ressurreição dos mortos, tal como este é exposto na Bíblia. Sabemos que a ressurreição ocorrerá apenas quando a história deste mundo chegar ao fim, pois é-nos dito que o morto, “até que não haja mais céus, não acordará nem se erguerá do seu sono” (Job 14:10-12). A Bíblia diz-nos que haverá duas ressurreições distintas e separadas: A ressurreição dos justos e a ressurreição dos injustos (Daniel 12:2; Atos dos Apóstolos 24:15). Falando sobre Si mesmo, Cristo ensinou claramente que “todos os que repousam nos sepulcros ouvirão a Sua voz e sairão; os que tiverem feito o bem, para uma ressurreição de vida; os que tiverem praticado o mal, para uma ressurreição de julgamento” (João 5:28 e 29). Portanto, a primeira ressurreição será a dos mortos justos. O Apocalipse descreve assim a primeira ressurreição:

“Vi então tronos, e aos que neles se sentaram foi dado poder de julgar. *Vi também as vidas daqueles que foram decapitados por causa do testemunho de Jesus e da palavra de Deus, e dos que não tinham adorado a Besta, nem a sua imagem, e nem recebido a marca sobre a fronte ou na mão: eles voltaram à vida e reinaram com Cristo durante mil anos. [...]. Esta é a primeira ressurreição. Feliz e santo aquele que participa da primeira ressurreição!* Sobre estes a segunda morte não tem poder; eles serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e com Ele reinarão durante mil anos” (Apocalipse 20:4-6).

A segunda ressurreição será a ressurreição dos ímpios para enfrentarem o juízo final. O livro de Apocalipse também nos descreve esta ressurreição.

“Vi depois um grande trono branco e Aquele que nele se assenta. O céu e a terra fugiram da Sua presença, sem deixar vestígios. *Vi então os mortos, grandes e pequenos, em pé diante do trono, e abriram-se livros. Também foi aberto outro livro, o da vida. [...]. O mar devolveu os mortos que nele jaziam, a Morte e o Hades entregaram os mortos que neles estavam, e cada um foi julgado conforme a sua conduta*” (Apocalipse 20:11-13).

Estas duas ressurreições – a dos justos e a dos ímpios – serão separadas por mil anos. De facto, o Apocalipse afirma claramente que os justos ressuscitarão primeiro, antes do começo do milénio, e que os ímpios ressuscitarão apenas após o termo do milénio.

“Vi também as vidas daqueles que foram decapitados por causa do testemunho de Jesus e da palavra de Deus, e dos que não tinham adorado a besta, nem a sua imagem, e nem recebido a marca sobre a fronte ou na mão: *eles voltaram à vida e reinaram com Cristo durante mil anos. Os outros mortos, contudo, não voltaram à vida até ao término do mil anos*” (Apocalipse 20:4 e 5).

O apóstolo Paulo afirma claramente que a primeira ressurreição, a ressurreição dos crentes em Cristo, ocorrerá por ocasião da segunda vinda de Jesus (I Coríntios 15:22 e 23). Ele diz-nos o seguinte:

“Pois isto vos declaramos, segundo a palavra do Senhor: *que os vivos, os que ainda estivermos aqui para a Vinda do Senhor, não passaremos à frente dos que morreram. Quando o Senhor, ao sinal dado, à voz de arcanjo e ao som da trombeta divina, descer do céu, então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; em seguida nós, os vivos que estivermos lá, seremos arrebatados com eles nas nuvens para o encontro com o Senhor, nos ares. E assim, estaremos para sempre com o Senhor*” (I Tessalonicenses 4:15-17).

Paulo também descreve com detalhe o processo da ressurreição, que envolverá a glorificação dos justos ressuscitados. Ele escreveu:

“Eis que vos dou a conhecer um mistério: nem todos morreremos, mas *todos seremos transformados*, num instante, num abrir e fechar de olhos, ao som da trombeta final; *sim, a trombeta tocará e os mortos ressurgirão incorruptíveis*, e nós seremos transformados. Com efeito, *é necessário que este ser corruptível revista a incorruptibilidade e que este ser mortal revista a imortalidade. Quando, pois, este ser corruptível tiver revestido a incorruptibilidade e este ser mortal tiver revestido a imortalidade, então cumprir-se-á a palavra das Escrituras: A morte foi absorvida na vitória.*” (I Coríntios 15:51-54).

Portanto, Paulo diz-nos que ocorrerá uma mudança ontológica no corpo dos justos ressuscitados. Estes não surgirão da sepultura com o mesmo tipo de corpo que tinham quando aí foram depositados. Aos ressurretos será concedido um tipo de corpo incorruptível, que já não estará sujeito à doença e à morte. Paulo acrescenta:

“O mesmo se dá com a ressurreição dos mortos; *semeado corruptível, o corpo ressuscita incorruptível; semeado desprezível, ressuscita reluzente de glória; semeado na fraqueza, ressuscita cheio de força; semeado corpo psíquico, ressuscita corpo espiritual*” (I Coríntios 15:42-44).

Este novo “corpo espiritual”, que possuirão os justos ressuscitados, será semelhante ao corpo do Cristo ressuscitado e glorificado (Filipenses 3:20-21). Sabemos que, após a Sua ressurreição, Cristo possuía um corpo físico glorificado ou espiritual, isto é, um corpo de carne e osso, mas possuidor de capacidades novas e de uma glória que o “corpo psíquico” com que nascemos não possui (Lucas 24:37-40). Este aspeto glorioso do corpo espiritual dos ressurretos é expresso por Jesus, quando ele disse que “os justos brilharão como o Sol no Reino de seu Pai” (Mateus 13:43; cf. Daniel 12:3). Graças a este novo corpo, os justos ressuscitados já não estarão sujeitos à morte e terão um corpo semelhante ao corpo espiritual dos anjos.

“Mas *os que forem julgados dignos de ter parte no outro século e na ressurreição dos mortos, nem eles se casam, nem elas se dão em casamento; pois nem mesmo podem morrer: são semelhantes aos anjos e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição*” (Lucas 20:35 e 36).

Portanto, os justos ressuscitados desfrutarão da vida eterna a partir da ressurreição (João 5:24).

Quanto à ressurreição dos ímpios, vimos que ela ocorre após o milénio, isto é, mil anos depois da segunda vinda de Jesus e da ressurreição dos justos. Será então decidido o destino dos ímpios, dos anjos caídos e do próprio Satanás. Este destino é a destruição total por incineração (Salmo 37:20). O profeta Malaquias descreve graficamente o destino dos ímpios. Ele escreveu o seguinte sobre o dia do castigo decorrente do juízo final:

“Porque, *eis que aquele dia vem ardendo como forno; todos os soberbos e todos os que cometem impiedade, serão como palha; e o dia que está para vir os abrasará*, diz o Senhor dos Exércitos, de sorte que lhes não deixará nem raiz nem ramos. [...]. *E pisareis os ímpios, porque se farão cinza*,

debaixo das plantas dos vossos pés, naquele dia que farei, diz o Senhor dos Exércitos” (Malaquias 4:1, 3 ARC).

O apóstolo João, no Apocalipse, descreve também a cena final de juízo e de destruição dos ímpios, após o milénio.

“Quando se completarem os mil anos, Satanás será solto de sua prisão e sairá para seduzir as nações dos quatro cantos da terra, Gog e Magog, reunindo-as para o combate; o seu número é como a areia do mar. Subiram sobre a superfície da terra e cercaram o acampamento dos santos e a Cidade amada; mas um fogo desceu do céu e os devorou” (Apocalipse 20:7-9).

Assim, todos os ímpios serão destruídos por incineração no lago de fogo e enxofre, que resultará da queda do fogo sobre a terra descrita pelo Apocalipse. Por isso João escreveu:

“Quanto aos covardes, porém, e aos infiéis, aos corruptos, aos assassinos, aos impúdicos, aos mágicos, aos idolatras e a todos os mentirosos, a sua porção se encontra no lago ardente de fogo e enxofre, que é a segunda morte. (Apocalipse 21:8).

A recompensa dos ímpios será a segunda morte, a morte eterna, pois recusaram aceitar para si as provisões do plano da salvação que lhes poderiam ter valido a salvação eterna. Com a destruição final dos ímpios será também destruído simbolicamente o último inimigo da Humanidade, a morte. Como escreve o apóstolo Paulo, “o último inimigo a ser destruído será a morte” (I Coríntios 15:26). Resolvido o problema do pecado pelo plano da salvação concebido por Deus, deixará de haver morte. Os seres humanos resgatados viverão com Cristo e com Deus por toda a eternidade. Eles poderão então exclamar vitoriosos, como Paulo, “Tragada foi a morte na vitória. Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?” (I Coríntios 15:54 e 55).

CONCLUSÃO

Durante muitos séculos os europeus contemplavam o mar ocidental, a que chamamos Oceano Atlântico, e interrogavam-se. Eles perguntavam-se se haveria algo mais para além do Atlântico. Os eruditos afirmavam que nada mais havia para além do mar. No século XV, a Espanha tornou-se senhora das regiões situadas em ambos os lados do estreito de Gibraltar, onde se avizinhavam o continente europeu e o continente africano. Nesse local tinham sido colocados dois grandes pilares de pedra, as “Colunas de Hércules”, onde estava inscrito o mote latino *Ne Plus Ultra*, isto é, “Nada mais além”. Esta era a crença generalizada daquela época. Ninguém se atrevia a questionar a convicção generalizada de que nada havia para além do horizonte ocidental. O Reino de Espanha tinha mesmo inscrito no seu escudo de armas o mote *Ne Plus Ultra* como lema nacional. Mas, em 1492, Cristóvão Colombo partiu de Espanha, desbravando o Oceano Atlântico em direção a Ocidente. Após terem passado muitos meses, as velas dos barcos de Colombo reapareceram no horizonte e a nação espanhola exultou de alegria. Colombo anunciou ao rei de Espanha que havia terra para além do Oceano Atlântico. Havia para além do mar um glorioso paraíso, que continha riquezas nunca sonhadas. Após a extraordinária viagem de Colombo, que descobrira um novo mundo no Ocidente, o rei de Espanha rescreveu o lema nacional do seu país e mandou imprimi-lo em novas moedas de prata. Este lema passou a ser *Plus Ultra*, que significa “Mais Além”. Este é, ainda hoje, o lema nacional do Reino de Espanha.

Durante muitos séculos as pessoas colocaram-se ao lado de uma escura cova, viram os restos mortais dos seus entes queridos serem descidos à terra, e interrogavam-se: existirá algo mais para além das trevas da morte? Então, um dia, Cristo desceu à sepultura e, passado três dias, ressuscitou de entre os mortos. Ao fazê-lo, Ele abriu o caminho para que a morte não fosse o destino final do Homem. Ao ressuscitar, Jesus Cristo ganhou o direito de ressuscitar também todos os seres humanos que aceitem as condições do plano da salvação concebido por Deus. Todo aquele que aceitar Jesus como seu Salvador obterá o direito de ressuscitar no último dia, na ressurreição dos justos. Portanto, o que Cristo nos oferece é a vida eterna. Queremos nós aceitá-la? Se aceitarmos esta oferta, poderemos fazer nosso o lema *Plus Ultra*, pois, para além da morte, encontraremos salvação e vida sem fim no paraíso de Deus.